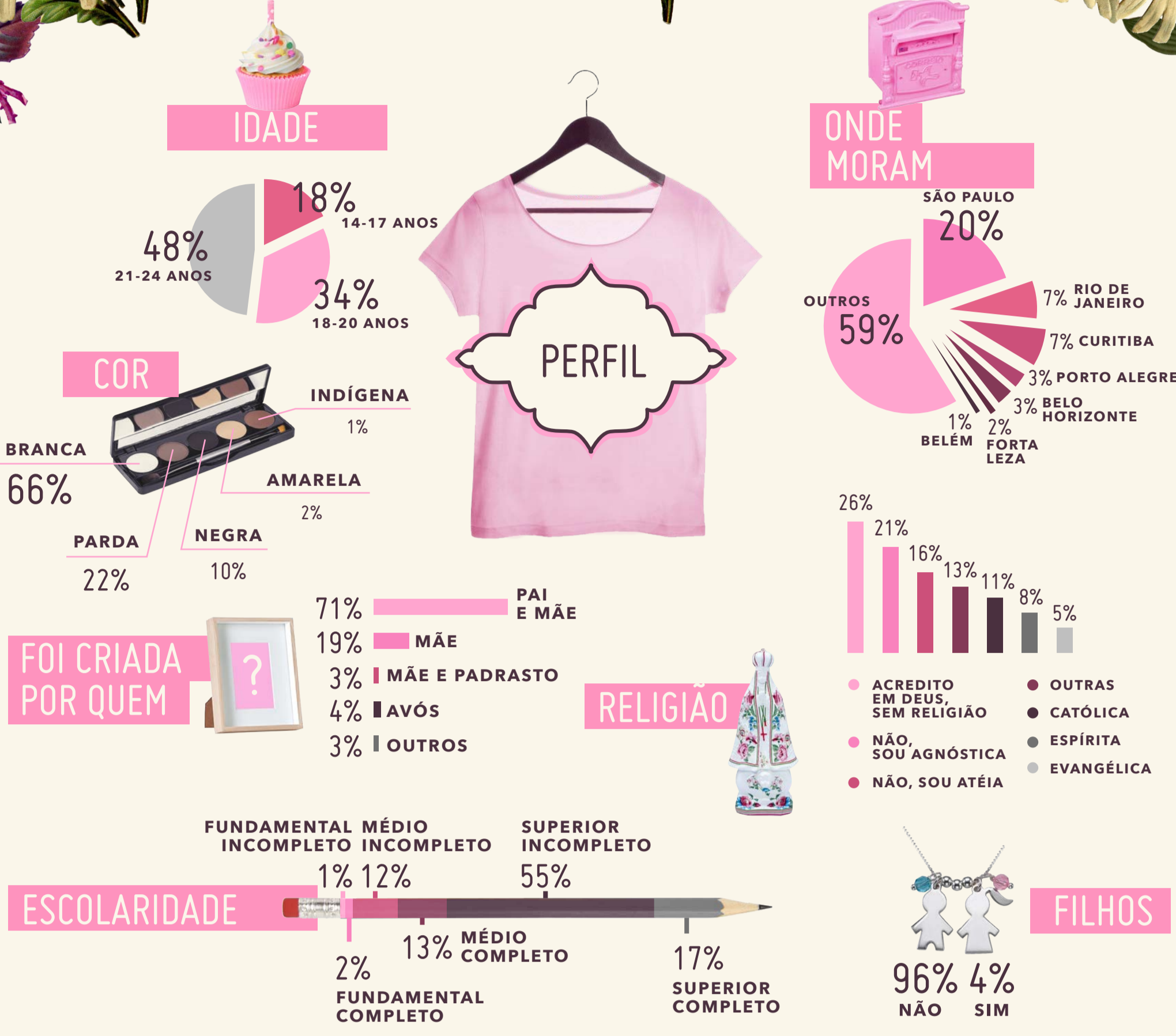


# #MENINAPODETUDO

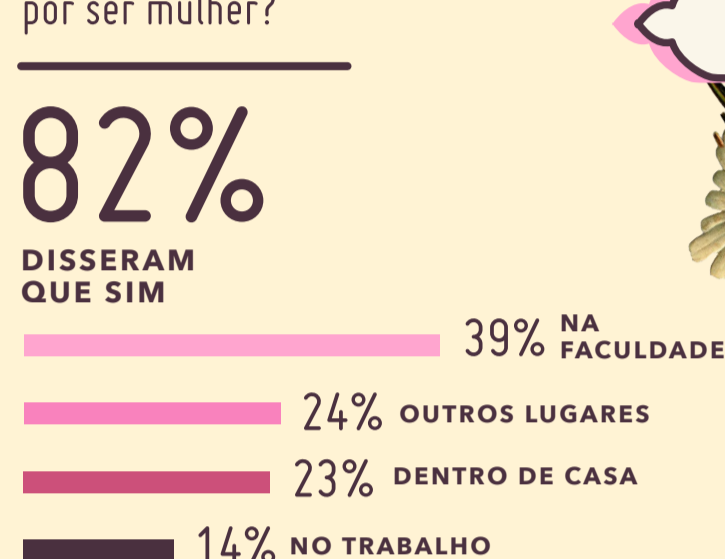
"Não suja esse vestido".  
"Não fica até tarde na rua".  
"Não dá liberdade".

Existem frases que, infelizmente, já se tornaram clássicos na educação das jovens brasileiras. Para entender como esses e outros tipos de machismo e de violência contra a mulher afetam o desenvolvimento de meninas

das classes C, D e E, a Énois Inteligência Jovem conduziu uma pesquisa com mais de 2300 jovens de 14 a 24 anos, em 370 cidades brasileiras (por meio de entrevistas e um questionário online). Veja o que a gente descobriu:



Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher?



**94%** JÁ SOFRERAM ALGUM TIPO DE ASSÉDIO SEXUAL VERBAL POR UM HOMEM

**73%** CONSIDERAM A CANTADA UM TIPO DE VIOLÊNCIA

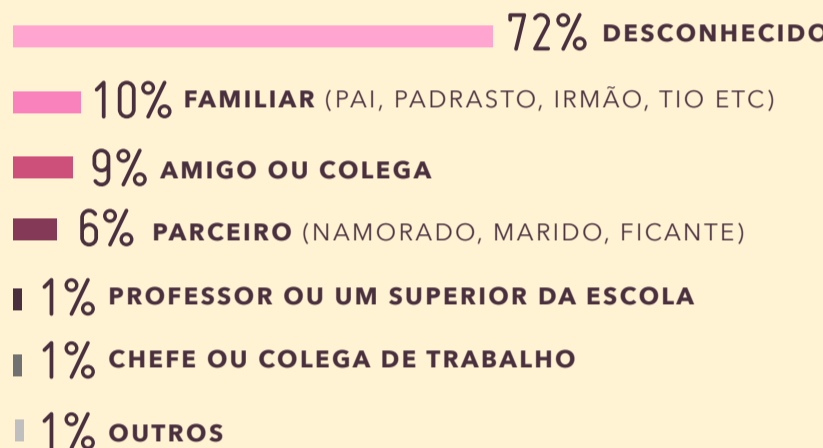
"Na rua, por mais de uma vez fui agredida. Uma vez um homem ameaçou jogar um saco de cimento em mim"

**84%** JÁ SOFRERAM AGRESSÃO VERBAL

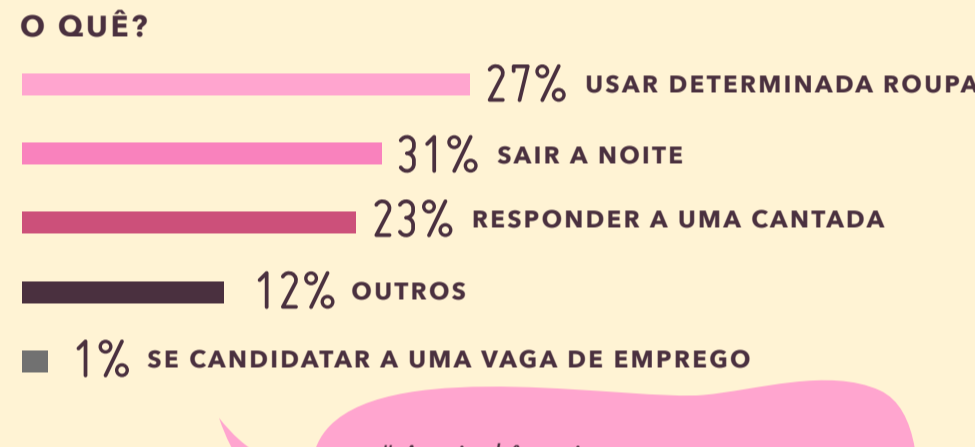
"Quando saio à noite, fico pensando no melhor caminho pra fazer, ainda que esse seja mais longo, só pra evitar possíveis situações desagradáveis"



**77%** JÁ SOFRERAM ASSÉDIO SEXUAL, DESSAS:



**90%** JÁ DEIXARAM DE FAZER ALGUMA COISA COM MEDO DA VIOLÊNCIA



## EM CASA

**74%** SENTIRAM TRATAMENTO DIFERENCIADO DENTRO DE CASA POR SER MULHER

"Meu irmão mais novo trata minha mãe como lixo, meu pai vê e ignora. Eu converso com minha mãe e ela acha normal"

**77%** ACHAM QUE O MACHISMO AFETOU SEU DESENVOLVIMENTO

"É muito difícil arranjar emprego, pois preferem dar a vaga para um homem do que pra mim, pois eu posso ficar grávida"

"A violência aparece quando eu não posso sair com um determinado tipo de roupa sem que as pessoas fiquem me julgando, ou que eu não as use por medo de que aconteça alguma coisa comigo"

## A MÍDIA

"Todas brancas são ricas. Pobre e/ou negra é a empregada."

Desde os 10 anos, quando notei que era gordinha, tenho crises com o meu peso. Emagreci drasticamente, fiz regimes doidos, já vomitei muito depois de comer, e até hoje se não estou (no mínimo) 10 quilos abaixo da minha altura em centímetros, vou fazer alguma dieta restritiva. A reprodução da mulher na mídia tem grande papel na minha história com meu corpo, onde não há (e não acho que vá haver) paz.



Quando eu era mais nova, mesmo no extremo calor, eu não conseguia ficar sem a blusa de frio da escola, porque achava meu corpo extremamente feio e fora do que era esperado de uma mulher. Com o tempo parei de me importar, mas até hoje a violência dita minhas escolhas de roupa.

Me sinto alheia, pois a mulher está sempre como a que gosta de casar, ter filhos, cuidar da casa, faz "coisas de mulher". É a que não entende de coisas de exatas e não sabe trocar uma lâmpada.

## OS RELACIONAMENTOS

**83%** DAS MENINAS QUE SOFRERAM AGRESSÃO FÍSICA AFIRMAM TEREM SIDO AGREDIDAS POR HOMENS CONHECIDOS

**69%** CONSIDERAM QUE TER SUAS AMIZADES OU OS LUGARES A QUE VAI TROCADOS É, SIM, UM ATO VIOLENTO

**47%** AFIRMAM QUE O PARCEIRO JÁ FORÇOU A BARRA PARA TEREM RELAÇÕES SEXUAIS

**39%** JÁ PEDIU QUE O PARCEIRO JÁ PEDIU QUE TROCASSE DE ROUPA PRA SAIR DE CASA

**57%** DIZEM TER SUAS AMIZADES OU OS LUGARES A QUE VAI CONTROLADOS PELO PARCEIRO

**55%** AFIRMARAM QUE O PARCEIRO JÁ QUIS ACESSAR SEU EMAIL PESSOAL/REDES SOCIAIS

## A BASE

"O machismo é cultural. O problema é que a gente não problematiza o machismo, e a partir do momento que eu não problematizo minha fala, eu a reproduzo naturalmente. Se não tiver um estalo, se a gente não se questionar, não vai entender que aquilo é errado. Minha mãe viu a mãe dela passar por isso, então ela acha que é normal. A gente precisa de empoderamento. Quando você empodera uma mulher, mostra todo o poder que ela tem, ela vai arrebatando as correntes que a aprisionam."

## EXISTEM CAMINHOS

Falar sobre feminismo, sexualidade ou direitos dos LGBTs ainda é uma tarefa árdua para muitos educadores que, em meio a desafios cotidianos, não sabem como trazer para sala de aula discussões tão importantes. Isso tem um impacto sério na criação e desenvolvimento de jovens - que por sua vez, passarão adiante uma cultura preconceituosa. Por isso, acreditamos que a mudança de paradigma necessária para machismo e a violência contra a mulher tenha que nascer na escola. Como? Sendo parte do currículo escolar, virando política pública, como fazem, por exemplo, os australianos. Colocar em pauta essa discussão em espaços de educação é a forma mais rápida, barata e efetiva de mudar a realidade de milhões de brasileiras que ainda estão por vir.